

NOVEMBRO 2019

ESPECIAL



Óleo afeta rotina da Ilha de Tinharé

O petróleo que polui a costa nordestina desde agosto chega ao arquipélago, que abriga ilhas paradisíacas como Morro de São Paulo

Desde a madrugada do dia 22/10 que os moradores de Morro São Paulo, Garapuá, Boipeba e a prefeitura de Cairu convivem com a chegada do óleo que polui a costa nordestina e já é considerado o maior desastre ambiental da história do litoral brasileiro em termos de extensão.

Morro de São Paulo, localizado no município de Cairu, terceiro local mais procurado pelos turistas, na Bahia, é conhecido por suas belas praias, fauna, flora e mata atlântica abundantes, atraindo cerca de 200 mil turistas por ano.

O Secretário Especial de Administração de Morro de São Paulo, Fabiano Campos, conta que a prefeitura montou uma força tarefa para tentar conter o óleo. “Todos os dias a gente limpa as praias. Todos trabalham unidos para manter nossas praias limpas: o poder público, a Marinha, os Fuzileiros Navais, os pes-

cadores, comerciantes, empresariado e a comunidade em geral que tem atuado como voluntários”.

Técnicos da Petrobras que estavam ajudando a coletar o óleo – a maioria vindos do Campo de Manati – se retiraram do local sem maiores explicações, informou o secretário. “Só sabemos que eles receberam ordens para ir para Itacaré. O problema é que no dia seguinte que o pessoal saiu daqui começou a chegar grande quantidade de óleo em praias como Garapuá. Até hoje esperamos a volta da Petrobras. Estamos contando com a Marinha e Fuzileiros Navais, Corpo de Bombeiros e voluntários na limpeza das praias de Morro de São Paulo. Vamos continuar lutando com todas as forças, enquanto aguardamos uma resposta positiva dos órgãos competentes que podem nos ajudar nessa questão”.



Praia em Morro de São Paulo, na Bahia
Foto: Reprodução morrodesaopaulo.org.br

Segundo o secretário Fabiano Campos, na ilha todos vivem do comércio proporcionado pelo turismo.

“Então, esse desastre vai além dos danos ao meio ambiente, mexe com a economia do local, com a vida da comunidade”, enfatiza.



Hugues Carrara, 43 anos, é dono de um hotel e de um restaurante. Ele diz que já sente o impacto negativo no seu negócio após a chegada do óleo à ilha.



“Apesar de não ter havido ainda cancelamento de reservas, já estamos sentindo a diminuição da procura para o réveillon e para os meses de janeiro e fevereiro. Neste momento, posso dizer que tivemos uma queda de 50% em relação à chegada dos turistas e ao consumo de pescado no meu restaurante”.

Nascido e criado na beira da praia, em Morro de São Paulo, Fernando Santos de Oliveira, 34 anos, é pescador desde criança. Segundo ele a chegada do óleo causou um grande impacto na ilha.

“Porque aqui tudo gira em torno do turismo e o turista que chega tem receio de consumir o pescado e, com isso, a gente também não tem como e nem para quem vender. Nem os restaurantes estão mais querendo comprar o produto da nossa pesca”.

No entanto, Fernando diz que ainda não encontrou nenhum peixe com resíduo de óleo.



Sindipetro Bahia doa EPIs à comunidade da Ilha de Tinharé

De acordo com a prefeitura de Cairu já foram removidas mais de 70 toneladas de óleo. O material foi armazenado de acordo com as recomendações dos órgãos ambientais e aguarda as providências dos mesmos para retirada dos resíduos da ilha. Fabiano enfatiza os gastos com os EPIs. “É tudo muito rápido, o óleo chega e a gente corre para limpar, por isso a quantidade

de EPIs precisa ser sempre reposta para estarmos preparados”.

Na terça-feira (5), a prefeitura recebeu a doação de EPIs do Sindipetro Bahia através dos diretores Gilson Sampaio (Morotó) e Francisco Ramos (Chicão), que foram até à ilha para se inteirar sobre a situação da comunidade local e oferecer a ajuda da entidade sindical e dos petroleiros. O

Sindipetro doou botas, luvas, máscaras e macacões, que protegem e evitam que o voluntário entre em contato direto com o óleo, o que pode causar problemas de saúde.

O coordenador do Sindipetro Bahia, Jairo Batista, ressalta a importância da Petrobras nesse processo, “mesmo com a morosidade do governo federal, a Petrobras vem colocando sua es-

trutura à disposição para minimizar os impactos e limpar nossas praias. Fica a pergunta: uma empresa privada disponibilizaria estrutura, empregados sem custo algum? Esperamos que a Petrobras continue a desempenhar o seu papel de indutora do desenvolvimento econômico, tecnológico e social, e prossiga atuando com responsabilidade ambiental”.

“É tudo muito rápido, o óleo chega e a gente corre para limpar, por isso a quantidade de EPIs precisa ser sempre reposta para estarmos preparados”.

Fabiano - Secretário da Ilha



Doação de EPIs

Morador da Ilha ajudando a retirar o óleo das praias



“Mesmo com a morosidade do governo federal, a Petrobras vem colocando sua estrutura à disposição para minimizar os impactos e limpar nossas praias. Fica a pergunta: uma empresa privada disponibilizaria estrutura, empregados sem custo algum? Esperamos que a Petrobras continue a desempenhar o seu papel de indutora do desenvolvimento econômico, tecnológico e social, e prossiga atuando com responsabilidade ambiental”.

Jairo Batista - Coordenador do Sindipetro Bahia

Garapuá foi uma das mais atingidas

Garapuá é uma pequena vila de pescadores, localizada a leste da Ilha de Tinharé, logo após a Quinta Praia de Morro de São Paulo e tem cerca de mil habitantes. Desde que o óleo chegou à praia os moradores da pequena vila não têm sossego.



“Quando esse óleo chegou aqui foi uma loucura. A gente viu face a face o que a gente não queria ver. Foi aquela correria. Pegamos luvas, peneiras e começamos a limpar, teve um bocado de voluntários” (Antônio Carlos),

conta o Presidente da Associação de Pescadores e donos de Barcos de Garapuá (APEGA), Antônio Carlos da Cruz Santos, 47 anos.

Os moradores conseguiram se organizar e com a ajuda e

orientação do IBAMA, INEMA e Petrobrás estavam fazendo um “bom e rápido trabalho de contenção do óleo”, explica Antônio. Mas a situação, segundo ele, ficou insustentável após a decisão dos órgãos e da

estatal de se retirarem do local. “Eles suspenderam o trabalho na praia e a ajuda que estavam dando. E a gente como fica? Ninguém pode trabalhar todos os dias de forma voluntária. As pessoas têm filhos para criar,

para alimentar. Não temos como exigir isso delas”.

Além das praias, o óleo atingiu a área de mangue de Garapuá, o que segundo os moradores torna-se um problema ainda maior.



“Só as marisqueiras sabem como andar dentro do mangue, como entrar e sair de lá sem se cortar nas ostras ou se perder. Mas elas precisam de orientação para fazer esse serviço” (José Carlos),

revela José Carlos da Cruz Santos, o Zequinha, 52 anos, pescador, filho de marisqueira e dono de uma pousada no local.

“Encontramos uma grande quantidade de óleo nas raízes aéreas dos mangues. Fotografamos e enviamos para o INEMA, IBAMA e Petrobras. A orientação é para que a gente não entre no local. Mas enquanto isso a situação só piora. Se a ajuda demorar muito não sei o que será de nós”, fala, angustiada, a Presidente da Associação de Moradores e Amigos de Garapuá (Amaga), Jailma Rafael Santos, 34 anos.

Jailma tem outra grande preocupação.



“Somos uma comunidade que vive da pesca, do turismo e da mariscagem. Tudo isso está nos afetando profundamente. Se o turista não vem, se não comprarem nosso pescado, nosso marisco. Como vamos sobreviver? Acreditamos que com ajuda, possivelmente, podemos conseguir resolver essa situação até a chegada do verão” (Jailma)

Praias de Tinharé

Morro de São Paulo
Segunda praia
Terceira praia
Quarta praia
Quinta praia (Praia do Encanto)

Boipeba

Morere
Bainema
Cueira

Garapuá

Praia de Garapuá
Pratigi de Garapua (na região do Pontal)

Mangues atingidos

Casa dos paus
Enseadinha
Vilisboa
Pedarta
Gamboa Velha
Canal Novo
Panã
Chapada de Elias